

O guerreiro da paz e os valores educacionais

Nelly Aleotti Maia

A nação que insistir em traçar uma linha demarcatória entre o homem que pensa e o homem que luta corre o risco de ter suas lutas feitas pelos tolos e seus pensamentos feitos pelos covardes.

Sir William Butler (1830-1910)

*Salve Duque glorioso e sagrado
Ó Caxias invicto e gentil
Salve flor de estadista e soldado!
Salve herói militar do Brasil*

Hino a Caxias – Letra: D. Aquino Correia
Música: Francisco de Paula Gomes

Quando se comemora o bicentenário do Duque de Caxias, as palavras de Sir William Butler e alguns trechos do estribilho do hino a Caxias (em epígrafe) evocam em nós, educadores, idéias merecedoras de considerações.

A primeira diz respeito aos valores, sua natureza e suas modalidades. A segunda é a relação decorrente do imaginário dos valores: a criação de estereótipos e seus reflexos na vida cotidiana.

Acorrem-nos, também, algumas reflexões sobre o papel da educação e do trabalho do educador na construção da figura do “herói” no mundo globalizado e no momento conturbado como os que vivemos.

Valores e estereótipos

O que distingue os valores dos seres reais (sujeitos a tempo e espaço, com individualidade e perceptí-

veis pelos sentidos) dos ideais (como os seres matemáticos, por exemplo) são suas características especiais: a bipolaridade e a possibilidade de hierarquização.

Claro que não é o propósito deste trabalho uma discussão ontológica sobre o real e o ideal, o que demandaria um questionamento mais amplo e profundo. Pretende-se, tão-somente, uma colocação desses conceitos em termos educacionais.

Assim, os seres reais são, tendo uma essência e uma existência (no sentido aristotélico e não no existencialista). Uma mesa, um animal, uma nuvem são e existem como tais. O mesmo para uma reta, um plano, um número que, embora sem uma presença visível, são e existem como produtos de nossa mente.

Os valores, no entanto, têm uma bipolaridade, isto é, existem positiva e negativamente. Há sempre um *contrário* do valor. Milhares de seres não são mesas, animais ou nuvens: porém, não há um *contrário* desses seres; como não os há de retas, planos ou números. No caso do valor, o belo se opõe ao feio; o justo ao injusto; o sagrado ao profano etc. Ora, essa diferença é fundamental para o seu entendimento. A bipolaridade conduz, não raro, à formação de estereótipos, modelos fixos, não necessariamente verdadeiros. No imaginário popular, então, os valores com

seus decorrentes estereótipos formam pequenos universos independentes e, até, incomunicáveis. Essa incomunicabilidade é, a um tempo, cômoda para quem se amolda a estereótipos, mas dificulta a reflexão e o debate em educação. Na verdade, os estereótipos são convenientes, pois, uma vez adotados, nos eximem de qualquer postura crítica. Por outro lado, nos aprisionam em sua rigidez e prejudicam qualquer visão mais ampla ou multilateral de um fato ou problema. Impedem-nos, sobretudo, de uma das tarefas mais complexas em educação: a de tornar o ser humano capaz de escolher os seus valores e ser responsável pelas suas escolhas. Como escolher esses valores? Evidentemente, conhecendo-os e, sem jogo de palavras, avaliando-os.

Em uma classificação formal, pode-se distinguir valores biológicos, intelectuais, estéticos, éticos e religiosos. E, dentro de cada categoria, em uma classificação material, teríamos uma diversidade considerável. Assim, dentro dos biológicos, teríamos a vida, a saúde, o vigor etc, e seus opostos, a morte, a doença, a fraqueza. No ético, o justo, o bom, e seus opostos, o injusto, o mau.

No entanto, embora distintos em suas categorias, os valores se interpenetram. Assim, por exemplo: o conhecimento (valor intelectual) da estrutura de uma composição musical pode nos levar a apreciá-la de modo diferente do que quando nos atínhamos apenas ao estético.

A adoção de estereótipos, porém, impede sua ampliação axiológica. Dessa maneira, no imaginário popular, o intelectual independe ou se opõe ao estético; o justo se opõe ao prazer; o sagrado se opõe à vida e assim por diante.

Dentre as conseqüências mais marcantes dessa construção de um mundo estereotipado está a do civil e a do militar. Num entendimento pobre há valores civis e valores militares e reina, entre eles, uma oposição mútua que, além de inverídica, é, por vezes, grotesca. Valores que geram atitudes como a pontuali-

dade, a disciplina, o respeito à hierarquia e o patriotismo são associados a militares; a independência e o espírito crítico são, de forma igualmente parcial e distorcida, atribuídos a civis.

Uma reflexão mais aprofundada sobre esse fenômeno leva a examinar a contradição e a harmonia nos valores da conduta humana, e a figura de Caxias, tão justamente celebrado em seu bicentenário, propicia essa reflexão.

Contradições e harmonia

Começemos pelas palavras de *Sir William Butler - o homem que pensa e o homem que luta -* e comparemo-las com duas expressões do hino - *estadista e soldado*.

Desde Atenas, no período Antigo (século VIII a.C. - século VI a.C.), vemos que o general ateniense é um *strategos*, um militar, mas, também, um executivo com funções próximas às de um magistrado. Lembremos de Péricles, que dá nome ao século V a.C. Hoje, a Estratégia, a busca inteligente de soluções de conflitos, quer pela ameaça do uso da força, quer pelo emprego da mesma, é uma ação precedida de estudo e reflexão.

Na educação romana, na mesma época histórica, o imperativo da harmonia entre os dois modelos está presente. O cidadão romano (*civis* = cidadão) tinha sua educação feita por uma alternância. A “carreira das honras” (pretor, edil, questor, côsul) era entremeada pelos estágios no serviço militar: uma campanha, uma função civil; outra campanha, outra função civil. Assim, sua educação cívica era completa. Quando na luta, sabia como Roma era administrada; quando na administração, sabia o quanto custava manter o poder da República e, posteriormente, do Império.

Os modelos se dissociam na cultura ocidental cristã, definindo-se, na Idade Média, o “guerreiro” e o “monge”. O primeiro para a luta; o segundo para o estudo. O início da Modernidade separa o *condottiere*

(aventureiro, conquistador) da *persona culta* da Renascença. O Iluminismo e as conseqüentes revoluções liberais reunirão novamente os modelos, sobretudo com a Estratégia como fundamento cultural para o poder e para a guerra. É desnecessário lembrar que o desenvolvimento tecnológico é outro fator importante nessa junção ou superposição do “guerreiro” e do “culto”. As duas últimas guerras mundiais bem ilustram o fenômeno, e as guerras atuais, ainda em curso, o tornam mais agudo.

Então, o “homem que luta” e o “homem que pensa” se aproximam ou se igualam no “estadista e soldado”. Entretanto, persiste uma certa antinomia.

A guerra é associada ao uso da força. Sem elaborar demasiado, basta que recorramos à concepção clássica de Clausewitz, definindo a guerra como “um ato de força para compelir o outro (*inimigo*) a fazer a nossa vontade”, para trazer às nossas representações mentais todo um conjunto negativo: morte, crueldade, prepotência, dominação etc. O soldado é seu ator principal. É o homem de ação. O estadista, por sua vez, é o homem que estuda, planeja, avalia. Em resumo, busca vias para evitar o conflito.

Esse radicalismo, porém, não deve ser adotado. É verdade inquestionável que a guerra, sendo o emprego efetivo da força, acarreta valores negativos. Estes contradizem, por vezes, até posturas culturais (éticas, religiosas e humanitárias). Independentemente, também, não raro, do grau de civilização ou de sofisticação cultural. Por exemplo: qual a diferença entre o incêndio da biblioteca do Museu de Alexandria (século VII) e o da biblioteca do Museu de Bagdá (século XXI)? Não estariam os espíritos de Eratóstenes, Arquimedes, Diofanto tão horripilados quanto o do Califa Harun-al-Rachid que, nas noites enluaradas das *Mil e Uma Noites*, percorria sua cidade em seu corcel branco?

Onde estariam o bom, o justo, o belo na guerra? Uma resposta estaria no aforismo romano de Vegetio¹

¹ Flávio Vegetio Renato, romano, século IV a.C.

Quid desiderat pacem praeparet bellum (Quem quer a paz prepara a guerra). Significaria que a colocação e/ou a manutenção dos valores da paz estariam condicionadas a uma ação de força. Desse modo, a guerra cumpre seu papel pacífico quando não se trata de ocupação, de domínio, de tirania, de genocídio e mais, quando se efetiva para impedir que tal aconteça.

Aí estão contradição e harmonia de valores. E aí está a razão de, em certos casos, um guerreiro ser, também, um pacificador.

Em síntese: a contradição deixa de existir e se transforma em uma das múltiplas facetas de uma personalidade rica e complexa, pois poucos vultos na História foram estadista e soldado, e o Duque de Caxias é um deles.

E aí está, também, outro aspecto de sua personalidade, que não se limitou aos feitos bélicos, mas compreendeu a necessidade da paz, o que avulta seu caráter heróico.

A Educação e a construção do herói

A educação, do momento em que lida com valores, constrói modelos. Um deles é o herói. Essa construção pode ser intencional ou não-intencional. Como exemplo de heróis não-intencionais estão as figuras parentais, os personagens míticos, o príncipe que mata o dragão, Hércules, Tarzan e todo o mundo real e fantástico no qual a criança está imersa.

De sua parte, a escola apresenta os vultos históricos, os cientistas, os filósofos, os artistas, os santos. São todos modelos heróicos, que encarnam valores positivos, mas que, pela própria característica do jovem, são questionados.

Pesa, também, sobre a escola a responsabilidade da desvalorização do verdadeiro herói. De fato, os currículos escolares (declarados ou ocultos) sofreram, ao longo de nossa História, uma trajetória curiosa. A Reforma Benjamin Constant, a primeira da República (1890), incluiu, no currículo do ensino elementar, a

disciplina Educação Moral e Cívica. Leia-se, aí, a inspiração positivista, que separara a Igreja do Estado, desobrigando o ensino religioso nas escolas públicas.

Ao longo do tempo, a nossa “educação cívica” seguiu um caminho nem sempre ortodoxo. Sem a pretensão de uma história da educação brasileira, lembremos que, durante o período do Estado Novo, em que a educação foi, por força de lei, completamente centralizada, de inspiração totalitária, o chamado “civismo” identificou-se com o culto à personalidade e à xenofobia. Mais tarde, após a Lei de Diretrizes e Bases em sua primeira versão (1961), procurou-se modificar essa ótica colocando o Estudo de Problemas Brasileiros no currículo. Lamentavelmente, não houve cuidado nem na escolha temática, nem na preparação dos professores, e o período que se iniciou em 1964, pelos mesmos motivos, agravados pela rejeição ao governo militar, realimentou o estereótipo de militar se opondo ao civil. Assim, a educação cívica distorcida comprometeu os valores heróicos.

O adolescente, que é iconoclasta com os heróis próximos (pais, professores, figuras institucionais), afastou-se do modelo desejado e passou a ser montador de seus heróis próprios, nem sempre autênticos.

E ainda temos de considerar o falso herói, aquele que é construído não pela educação sistemática ou formal, mas pelo imaginário popular ou pela mídia, cujo papel é significativo. Surgem, assim, os “robocops”, os “roqueiros”, os “chefes de quadrilha” que se revestem, muitas vezes, de roupagens falsamente heróicas, tornando-se símbolos de resistência, independência, iconoclasia.

Mas, esses modelos, autênticos ou não, estão sujeitos a tempo e espaço. Os exemplos seriam infundáveis. Que sentido teria hoje Bayard, *le chevalier sans peur et sans reproche*? Lancelote e Parsifal? Dom Quixote e sua Dulcinea del Toboso? Ou, no dizer de Fernando Pessoa, *esperar por D. Sebastião, quer ve-*

nha ou não? E que dizer de Macunaíma, “o herói sem nenhum caráter”?

Daí, decorre o dever dos educadores de “penetrar” os modelos heróicos e preservá-los em sua autenticidade, não por uma mítica lírica, mas por um dimensionamento histórico-crítico, colocando-os em seu momento cultural. É o grande desafio da educação – o da escolha dos modelos, pois, apesar dessa transitoriedade, os heróis autênticos têm uma perenidade. Mudam suas formas, mas permanecem os valores. No dizer camoniano:

*aqueles que por obras valorosas
se vão da lei da morte libertando*²

ganham a eternidade. Caxias está entre eles. A evidência maior dessa eternidade é a passagem, na linguagem coloquial, de substantivo próprio a adjetivo. Ser “caxias” denota a retidão de conduta, a obediência às normas, o cumprimento do dever, a incorruptibilidade, a preponderância do valor ético sobre os demais. E é curioso que será a própria irreverência da juventude a autora dessa transformação.

O Brasil, como todos os países de evolução disrítmica e surpreendente, registra muitas carências no terreno da educação. No entanto, possui algumas características das quais se pode e se deve, justamente, orgulhar. Uma delas, e não das menores, é a de, num mundo impiedoso, belicoso e violento, ter, como Patrono do Exército, símbolo do soldado, herói militar, o guerreiro que mereceu o nome de Pacificador.

Façamos dele mais do que um adjetivo; transformemo-lo em um valor educacional.

Nelly Aleotti Maia – Doutora e livre-docente pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pós-doutorado na Universidade de Illinois (EUA). Titulação especial em Política e Estratégia Brasileiras (Escola Superior de Guerra).

Professora titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Emérita da ECEME. Conferencista do CEP.

Vice-Presidente do International Council on Education for Teaching. Tem 60 trabalhos publicados no Brasil e no exterior, alguns premiados em concurso.

Recebeu diversas condecorações e honorários, brasileiras e estrangeiras. Conferencista convidada para proferir palestras em eventos internacionais (EUA, Cingapura, Tailândia, França, Itália, Alemanha, Turquia, Brunei, Jordânia, Omã).

² CAMÕES, Lusíadas, Canto 1, Estrofe 2.